

O DEPÓSITO DAS IDEIAS

Weller Marcos¹

Neste casarão um dia o vento entrará pelas janelas para levar para o infinito toda a poeira que restar das nossas caminhadas.

Aqui, entre barões e ladinos escribas alguma coisa me diz que o tempo é dividido em compartimentos. Poderosas células, sistemáticas prisões! O que ficou no tempo, inserido na sua trajetória foi algo como uma fração da liberdade. O tempo aprisiona nossos sonhos, retém os nossos voos, manipula a nossa liberdade. E ao final não nos deixa com nada. A cada momento estamos perdendo algo precioso de nós mesmos. É como se fôssemos uma vara lavrada por fortes golpes de algo cortante como um canivete ou uma faca afiada.

Não experimentamos o prazer eterno e por isso não conhecemos a gratidão perpétua. Somos seres magoados, frios, taciturnos, alquebrados! Cada segundo é uma algema que nos prende e maltrata. Então, melhor é não ter pensamentos, não escravizar no cérebro as ideias. O pensar também é uma prisão, desde que separa em compartimentos algo que não sabemos bem de onde se origina e para que venha à mente.

Quando estamos no universo de nossa existência não somos apenas uma identidade, podemos ser todos os matizes de todas as cores; todas as dimensões de todos os volumes; todos os perfumes de todas as fragrâncias.

Certo poeta escreveu que até mesmo o sonho seria uma interferência no nosso existir. Quando sonhamos estamos compondo e dimensionando criaturas, lugares, épocas, atitudes, medos e glórias. E isto também são células do tempo: prisões!

Quando compartilhamos ideias, ou estamos interferindo em um estado letárgico da nossa mente, ou de outras mentes; estamos mandando para a prisão algo que não conhecemos bem, pois as ideias surgem desse estado letárgico.

1 Vice-Presidente do IHGMT. Jornalista e membro do Conselho Editorial da Revista do IHGMT.

Por isso o conflito, o sofrimento, a angústia, a dor, o arrependimento que é elo da corrente que nos prende ao tempo.

Vamos imaginar uma caminhada de noventa anos, realizada por centenas de mentes: umas plenamente formadas, outras em estágios embrionários, algumas vazias e indiferentes! Quais teriam realizado o melhor percurso após tanto tempo? Os que chegaram antes, ou os que vieram depois? Os que vieram pelos méritos, ou os trazidos pela política! Onde está agora cada pensamento que foi gerado nesta corrida, durante tal caminhada – nos livros!, nas fotografias, ou nas peças do museu!

Qual teria sido o primeiro momento e pensamento dessa Trajetória? Em qual dos compartimentos do tempo, pois foi algo da liberdade!

Então, ao final da jornada - que na verdade ainda não será o término, ver-se-á que, verdadeiramente, a letargia prevaleceu sobre o consenso.

Assim, isto que chamam de vida poderia ser chamado de prisão, pois na verdade são compartimentos de guardados, emaranhados e esquecidos! O que seria a vida, não fossem os pensamentos? O que seria a vida, não fosse o tempo medido? E cada vida é como uma prisão individual, solitária, reservada. As vidas são diferentes umas das outras e o que as fizeram assim: o pensamento! Ora, direis: mas só os humanos teriam essa condição. A condição de serem escravos eternos dos seus próprios pensamentos. Assim, a liberdade é uma utopia, jamais haverá!

Quando vejo os compartimentos desse casarão enxergo os fragmentos da longa caminhada: alguns bastante roídos pelas traças, outros ornados e vestidos com pompa e elegância, como se privilegiados fossem. Mais uma vez me escravizo com pensamentos novos: quantos mais seremos até o final da jornada, que não será final! Em cantos obscuros repousam versos jamais recitados, compondo cenários de amarelecidas páginas. Para que bordaram as lâminas se jamais mão alguma as manuseariam, dando chance a que a mente viesse a se ocupar daquelas ideias tão pessoais. Alguns que comigo caminham tais corredores, chegaram a imaginar coisas como ouvir ruídos por detrás das portas centenárias: seriam fantasmas? Mas, os fantasmas não existem. Bem poderia ser um choro ou lamento retardado dos pensamentos que estão ali aprisionados!

Já se passaram os anos, bem distantes do tempo em que aqui estou: solitário, solidário! Solidário, sobretudo à contemplação das muitas li-

berdades concedidas. É como se estivéssemos cochichando a ouvidos moucos. Sei que ninguém nos ouve, nem observa; mas, também sei que nos escutam as minúsculas caixas reservadas aos guardados de nossas inutilidades. Pois o tempo, inflexível e indiferente, nem sabe nos dizer qual foi o primeiro dos pensamentos aprisionados em toda esta caminhada de 90 anos.

489

4489



12 a 15 de JUNHO de 1952



SÊDE BENVINDOS
TODOS AO CONGRESSO!